



O gênero jornalístico diversional na imprensa paulista: evidências nos jornais Valeparaibano e Correio Popular¹

Francisco de Assis²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este estudo se propõe a compreender de que forma os relatos jornalísticos correspondentes ao gênero diversional se organizam em dois jornais do interior de São Paulo – *Valeparaibano* (São José dos Campos) e *Correio Popular* (Campinas). Parte-se de uma revisão de literatura a respeito do gênero estudado – e de seus respectivos formatos – para a realização de análise quantitativa dos conteúdos publicados pelos veículos no período de 18 a 23 de setembro de 2007. As observações apontam para o escasso uso do gênero diversional, restrito a poucos dias da semana. Este trabalho ainda oferece como contribuição aos estudos da área a proposta de inclusão da “história de vida” como um dos formatos do gênero abordado.

Palavras-chave

Gêneros jornalísticos; gênero diversional; imprensa paulista; Valeparaibano; Correio Popular.

Para iniciar a discussão

O estudo dos gêneros jornalísticos tem se mostrado um terreno dúbio dentro do campo científico da Comunicação: por um lado, parece haver uma necessidade constante de se classificar os relatos periodísticos em grupos definidos por aproximação de formatos e tipos, com vistas a facilitar a compreensão dos produtos originados do fazer jornalístico; por outro, no entanto, até não muito tempo atrás, foram poucos os pesquisadores que se propuseram a percorrer esse solo midiático, observando como a imprensa se organiza e de que forma mantém sua relação com a sociedade.

Um dos motivos que inibem a apropriação desse território de estudos é atribuído à complexidade de se organizar os produtos jornalísticos em categorias. Nesse sentido, mesmo em alguns momentos episódicos, nos quais nota-se a iniciativa de estudiosos em unir esforços para a consolidação de teorias, nota-se que a própria bibliografia já existente sobre o tema não aponta caminhos tão claros por ser demasiadamente controversa. Ao que tudo indica, as reflexões a esse respeito não seguem por um único caminho, pautando-se por teorias, metodologias e conceitos diversificados e nem sempre próximos uns dos outros.

¹ Comunicação submetida ao GT Jornalismo e Editoração, da Jornada Inovcom, para ser apresentada durante o 13º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo – SP), em maio de 2008.

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Jornalista formado pela Universidade de Taubaté (Unitau) e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (Nupec), na mesma instituição. Editor das revistas “Acervo On-line de Mídia Regional” e “Iniciacom”. E-mail: francisco-nupec@uol.com.br.



É por isso que, antes de se fazer qualquer consideração, vale dizer que a ordenação dos gêneros varia conforme o ambiente em que é constituída: em cada contexto há determinadas espécies do jornalismo, que correspondem à sua própria realidade (MARQUES DE MELO, 2003). Também se faz necessário compreender que esse tipo de classificação é reflexo de um pacto entre produtor e receptor, estabelecido para que ambos possam dialogar de forma nítida e compreensível.

No Brasil, até a década de 1990, apenas três autores haviam dado contribuições significativas aos estudos dessa natureza: Luiz Beltrão (1969; 1976; 1980), cujas reflexões se configuraram como os primeiros passos a caminho de uma taxonomia dos gêneros jornalísticos; José Marques de Melo (2003; 1992), com sua tese de livre-docência defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 1983, e com a orientação de estudos empíricos realizados junto ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 1985; e Manuel Carlos Chaparro (1998), que elaborou um estudo comparativo entre a imprensa do Brasil e a de Portugal, de 1992 a 1995.

Em quase três décadas de investigação, as classificações elaboradas pelos pesquisadores brasileiros não se distanciaram tanto umas das outras. Beltrão é o que mais se diferencia, ao propor, além dos gêneros “informativo” e “opinativo”, a categoria “interpretativo”. Já Marques de Melo, na década de 1980, defendia a existência exclusiva de gêneros das duas primeiras naturezas aqui mencionadas, assim como Chaparro, que, nos anos de 1990, assumia a mesma postura, embora desse aos gêneros o nome de espécies e os rotulasse como “relatos” e “comentários”.

Somente no final da década de 1990, mais especificamente em 1998, é que uma nova proposta classificatória trouxe à tona outros dois gêneros jornalísticos: o utilitário e o diversional. Naquela ocasião, coordenado pelo prof. José Marques de Melo, um grupo de mestrandos e doutorandos da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) desenvolveu uma ampla reflexão em torno do assunto, cujo resultado foi publicado no trabalho *Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”* (DIAS et al., 1998).

De acordo com a nova classificação, o gênero utilitário se traduz como conjunto de informações que prestam algum tipo de serviço ao leitor e cuja organização incorpora os formatos chamada³, indicador, cotação, roteiro e obituário. Já o gênero

³ Embora não seja o objeto deste estudo, cabe aqui uma consideração a respeito do gênero utilitário propostos por Dias et al. (1998): na época em que o referido *paper* foi publicado, as chamadas de capa, que orientam o leitor sobre o conteúdo de determinada edição, eram consideradas como um dos formatos



diversional, tema da discussão levantada nestas linhas, tem como objetivo divertir (ou distrair) o público-alvo das publicações, oferecendo-lhe conteúdos para seus momentos de lazer. A essa modalidade foram submetidos dois formatos: história de interesse humano e história colorida, cujas estruturas se aproximam das dos textos literários.

O presente estudo destina-se a observar como dois jornais diários que circulam em “midi-regiões” do Estado de São Paulo (MARQUES DE MELO, 2006), *Valeparaibano* (São José dos Campos) e *Correio Popular* (Campinas), fazem uso do gênero jornalístico diversional. Parte-se de uma revisão de literatura, que busca reunir considerações de autores brasileiros, latino-americanos e hispânicos a respeito do gênero estudado, e utiliza-se da metodologia de análise quantitativa por unidade de informação (UI), sistematizada por Violett Morin (1974).

Vale destacar que a pesquisa abordou a semana de 18 a 23 de setembro de 2007 (terça-feira a domingo), período considerado “comum”, por não ter sofrido interferência de nenhum acontecimento de grande repercussão midiática. Também é importante explicar que a edição de 17 de setembro (segunda-feira) do jornal *Correio Popular* foi excluída da análise por conta de o *Valeparaibano* não circular nesse dia da semana e, portanto, não ser possível estabelecer qualquer tipo de comparação entre os veículos.

Gênero diversional: de que se trata?

Há, pelo menos, duas possibilidades de compreensão do jornalismo diversional. A primeira delas situa-o, como o próprio nome sugere, no campo do divertimento e do lazer: trata-se, em outras palavras, da classificação que se ocupa da informação que “diverte” (DIAS, 1998). A outra leitura possível, por sua vez, associa tal gênero ao *New Journalism*⁴ americano (MUGGIATI et al., 1971; WOLFE, 2005), tratado mais comumente no Brasil pela alcunha de Novo Jornalismo (FARO, 1999).

Ao longo dos anos, os pesquisadores que se propuseram a estudar o gênero jornalístico diversional esbarraram em algumas controvérsias sobre sua existência. Marques de Melo, por exemplo, em trabalho elaborado na década de 1980 e reeditado no início dos anos de 2000, não considerava a diversão um gênero autônomo, mas, sim,

utilitários. Todavia, em material didático elaborado em 2006, o professor Marques de Melo deixou de considerar tais conteúdos como formato. Por isso, esta pesquisa também os desconsiderou.

⁴ Considerado como marco inicial de uma nova proposta de produção jornalística, o *New Journalism* aflorou nos Estados Unidos da década de 1960, em meio à Guerra Fria, período de grandes transformações na história da humanidade, tais como a corrida espacial, o fortalecimento da cultura hippie, os movimentos de contracultura, entre outras. Pela primeira vez na história, o jornalismo passou a ser entendido, também, como uma produção não meramente técnica, mas, sim, próxima da literatura.



um “mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e o seu público e não transcende a descrição da realidade, apesar das formas que sugerem sua dimensão imaginária” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64).

Tal constatação espelha a realidade da imprensa brasileira daquele período. Porém, como gêneros são “relativamente estáveis” (BAKTHIN, 2003) e não podem ser entendidos fora de um contexto, o mesmo autor revisou suas considerações a respeito do gênero diversional, considerando-o, em reflexões recentes, como uma produção que

surge no pós-guerra como contingência do jornalismo, no sentido de sobreviver num ambiente midiático dominado pelo entretenimento. A ascensão do *show business* contamina a produção jornalística, introduzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade (MARQUES DE MELO, 2006).

Olhando por essa perspectiva, é possível afirmar que o gênero diversional classifica os relatos jornalísticos factuais e verossímeis – elementos próprios do jornalismo –, que também são elaborados com técnicas literárias, podendo concorrer – ao menos do ponto de vista estrutural – com produções ficcionais.

Raymond Nixon (apud MARQUES DE MELO, 2003, p. 30) compreende que a função do gênero diversional é preencher o momento de ócio das pessoas, que se tornou maior em meados do século 20, período em que se começou a repensar a qualidade de vida da população mundial – ou, pelo menos, de boa parte dela – e em que horas e dias de descanso, bem como períodos de férias, passaram a ser gozados pelos trabalhadores. Com isso, o jornalismo precisou encontrar formas de propiciar diversão para os momentos de folga de seu público, oferecendo a eles informações, seções e demais espaços editoriais capazes de entretê-los.

De fato, as definições e características desse gênero, apontadas até aqui, correspondem ao *New Journalism*, considerado por alguns autores como o paradigma de uma nova era para a imprensa. Erbolato (2006), ao explicar o que é o jornalismo diversional, dá a entender que tal produção se diferencia por seu estilo “mais ameno e atrativo”, diferente do estilo das notícias redigidas num tom formal, cuja estrutura visa, basicamente, a responder às perguntas do *lead* (quem, o que, quando, onde, como e por quê?).

Com Truman Capote⁵, ou, como querem outros, mesmo antes, através de

⁵ Segundo Erbolato (2006), pesquisadores de opinião pública dos Estados Unidos reclamavam, na década de 1960, que os jornais americanos abordavam os fatos noticiosos sempre de maneira fria. Em 1965, no entanto, o jornalista Truman Capote parece ter “atendido indiretamente” ao pedido dos pesquisadores e publicou *A Sangue Frio* [*In Cold Blood*], no qual combina técnicas de romance com o estilo jornalístico.



Gay Talese, antigo repórter do *The New York Times*, terá surgido o chamado Novo Jornalismo, aceito também como Jornalismo Diversional, que passou a oferecer textos de muito agrado, abordando assuntos que, até a época, eram sempre apresentados com aridez ou através de construções estereotipadas e formais, despidas de interesse... (ERBOLATO, 2006, p. 44).

Wolfe (2005), jornalista americano e um dos mentores do *New Journalism*, explica aquela fase de maneira clara, mostrando que as inovações propostas na ocasião eram vistas como a possibilidade de se promover algo inovador, diferente e audacioso no jornalismo. Sobre o tema, o autor relata o seguinte:

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso e mais. Era a descoberta de que era possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto [...] para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 2005, p. 28).

No Brasil, o mesmo movimento de renovação promovido nos Estados Unidos teve seu apogeu no final da década de 1960, com a revista *Realidade*, publicada mensalmente pela Editora Abril, de 1966 a 1976⁶. O código proposto pelo *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, foi visivelmente adotado pela publicação brasileira, que publicava textos extensos, construídos com a adoção de elementos ficcionais, sem perder a veracidade de suas informações (FARO, 1999).

Uma característica interessante do gênero diversional é que o mesmo não é produzido para alcançar as massas⁷, exatamente pela forma como são estruturados os relatos jornalísticos. Nesse contexto, Faro (1999, p. 517) observa que esse tipo de produção reconfigurou até mesmo o papel do jornalista, uma vez que o “nível de autonomia de seu trabalho” ganhou novos horizontes pela própria abordagem instituída pelo Novo Jornalismo. Conforme Muggiati et al. (1971, p. 10), trata-se de uma “verdadeira fusão do escritor e do jornalista”.

O gênero jornalístico diversional ainda pode ser entendido a partir da definição de uma outra corrente de estudiosos que defendem a existência do “jornalismo literário”. Isso porque ambos são definidos da mesma maneira, isto é, como tipos de produção jornalística que se valem de técnicas narrativas literárias.

⁶ Embora a revista *Realidade* tenha encerrado suas atividades em 1976, sua característica original, correspondente ao *New Journalism*, só foi mantida até o final de 1968, quando do decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), durante a gestão do General Arthur da Costa e Silva. Em plena Ditadura Militar, a imprensa passou a ser censurada pelo governo, perdendo sua autonomia e sua identidade.

⁷ Considerações feitas pelo prof. Dr. José Marques de Melo, em aula no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo, em 2007.



Pena (2006) defende o jornalismo literário como gênero autônomo, composto por outros subgêneros – tais como biografias, romances-reportagens etc. –, e entende que textos dessa natureza convergem várias vertentes do jornalismo:

Ao juntar elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados (PENA, 2006, p. 21).

Outra possibilidade de compreensão do gênero diversional é sugerida por Dejavite (2006), que trabalha com a expressão “infotimento”, neologismo criado na década de 1980 e que ganhou força na imprensa mundial na década subsequente. Trata-se de um tipo de jornalismo que une informação, prestação de serviço e divertimento:

O jornalismo de INFOtimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilos de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos ao mesmo tempo que atende às necessidades de informação do receptor dos dias de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão (DEJAVITE, 2006, p. 72).

Por tudo isso, fica claro que o gênero diversional corresponde a conteúdos destinados à distração do leitor, mas que, ao mesmo tempo, em nada deixam a desejar em termos de veracidade das informações e de seu conteúdo. Trata-se, naturalmente, de um tipo de texto voltado à apreciação do público, que tem a possibilidade de ocupar seu tempo livre com a leitura de tais relatos.

Os formatos

Neste trabalho, adota-se como modelo de classificação o proposto por Dias et al. (1998, p. 14), que submetem ao gênero diversional os formatos “história de interesse humano” e “história colorida”. Entende-se, a partir da consideração dos autores, que o primeiro deles “utiliza um arsenal peculiar ao universo da ficção para abordar um fato que foi notícia retomado na sua dimensão humana com a finalidade de suscitar o interesse e a atenção do público”; já o segundo é visto como um formato que “descreve uma situação em que se desenvolve o fato”, cuja ênfase está “no modo como a história se desenvolve e não na informação”.

De acordo com Beltrão (1969), histórias de interesse humano são aquelas cuja carga emocional ultrapassa inclusive o próprio valor da notícia. Por isso mesmo, é



função do jornalista identificar, no fato a ser informado, o que de mais interessante pode haver para o leitor, para assim utilizar os recursos comuns aos escritores de ficção durante a composição de seu trabalho.

Beltrão ainda percebe que há quatro características básicas de textos dessa natureza: 1) ação (ou seja, o fato é narrado e não simplesmente descrito ou relatado); 2) clímax emocional (predominância de aspectos que surpreendem o leitor); 3) veracidade absoluta (evita-se a apropriação de detalhes imaginados para “enriquecer” a narrativa); e 4) adequação (recursos literários incorporados à informação). Segundo ele, esse tipo de produção recebe influências francesas (*fait divers*) e americanas (*color story*), cuja produção se dá “à base de fatos diversos, que se registram em qualquer campo da atividade dos indivíduos e da vida em comunidade” (BELTRÃO, 1966, p. 377).

Temer (2002) observa que a história de interesse humano, em alguns momentos, pode parecer irrelevante dentro de um contexto social, por conta de outros assuntos mais pertinentes e até mesmo mais urgentes de serem tratados pela mídia. No entanto, esse formato conquista seu lugar na imprensa, seja nos veículos impressos ou na TV, a partir do momento em que desperta a curiosidade e a emoção do público. Em trabalho mais recente, a mesma autora reafirma que esse tipo de produção sempre foi “uma receita eficiente para atrair o público”, exatamente porque “o que distingue a história de interesse humano do restante do material publicado é que sua valoração, enquanto notícia, ocorre em função unicamente da sua carga emocional” (TEMER, 2007, p. 68).

Na outra ponta do gênero diversional, a história colorida corresponde a relatos jornalísticos que privilegiam as características dos fatos, isto é, dão ênfase aos detalhes que compõem determinado acontecimento. “Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários” (MARQUES DE MELO, 2006).

Camps e Pazos (1996, p. 138), ao tratarem dos gêneros jornalísticos, identificam que *nota de color* ou *nota color* são textos estruturados a partir de aspectos pessoais dos protagonistas e do ambiente em que se desenrola um fato. Segundo eles:

Es la que cuenta una historia o describe una situación poniéndole acento en el modo como se desarrolla o planeta, antes que en la información. Los recursos de la redacción, por lo tanto, son más literarios que periodísticos, ya que pasan fundamentalmente por la utilización de imágenes sensoriales y por la transmisión de emociones y sentimientos.

Já Serra e Ritacco (2004, p. 107), dois autores argentinos, compreendem que a história colorida é um relato de estilo livre, mas subordinado a algum assunto já



trabalhado por outros gêneros e formatos jornalísticos. “No funciona solo: siempre es complemento de una nota o crónica principal”.

Tanto Camps e Pazos quanto Serra e Ritacco advertem que a história colorida não tem a obrigação de responder aos questionamentos do *lead*. Seu objetivo é relatar os acontecimentos a partir de seu clima, de sua atmosfera e das emoções percebidas pelo repórter responsável pela apuração.

História de vida: proposta de um terceiro formato

Durante o levantamento bibliográfico para a elaboração deste estudo, um artigo encontrado na revista *Ámbitos*, publicação da Universidad de Sevilla, chamou a atenção: trata-se do texto “La ‘historia de vida’ periodística, un género poco usual en la prensa española”, assinado por Antonio López Hidalgo. Na concepção do autor, a história de vida é um gênero autônomo que pode ser utilizado para trazer à tona alguma temática relevante. Por conta de sua estrutura e de suas características, considerou-se pertinente a adoção desse tipo de relato jornalístico como um dos formatos do gênero diversional.

Para Hidalgo (2001, p.97), as histórias de vida – ao menos as escritas conforme as técnicas jornalísticas – valorizam um personagem para mostrar algum assunto pertinente, em determinado contexto. “Una historia de vida es mucho más que una biografía. O en todo caso no deja de ser algo distinto”. Na visão do autor espanhol, a história de vida é um tipo de biografia ampliada, que pode incluir dados inéditos sobre a trajetória de uma pessoa e informações sobre aspectos íntimos, além de reunir detalhes que, à primeira vista, podem parecer pouco importante.

Conforme Vilas Boas (2003, p. 16-17), a expressão “história de vida” não é simplesmente uma variação do termo biografia; ao contrário, tal nomenclatura é oriunda de propostas metodológicas das ciências sociais, capaz de se aprofundar em episódios específicos da vida do protagonista. “Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea”.

Ao refletir sobre os aspectos que regem a produção de livros-reportagem, Lima (2004, p. 115) afirma que as histórias de vida são utilizadas, nesse tipo de produto editorial, para “realçar o aspecto *humanização*”, característico de trabalhos jornalísticos elaborados “em profundidade”.

Diante dessas considerações, propõe-se, neste artigo, incorporar ao estudo dos formatos diversionais a categoria “história de vida”, tendo em vista a idéia de que sua



estrutura se aproxima das peculiaridades do gênero aqui abordado e, também, em virtude das características, que a diferem, consideravelmente, do formato perfil⁸, submetido ao gênero interpretativo.

Nos próximos tópicos, a descrição do estudo empírico realizado junto aos jornais *Valeparaibano* e *Correio Popular*⁹ apontará a incidência dos três formatos do gênero jornalístico diversional, defendidos nesta discussão.

Valeparaibano

O *Valeparaibano* foi fundado em 6 de janeiro de 1952 pelo jornalista, folclorista e policial aposentado Francisco Pereira da Silva, conhecido como Chico Triste, e pelo gráfico Rubens Lencione. Teve seus primeiros equipamentos de impressão implantados na cidade de Caçapava, localizada no Vale do Paraíba, sendo transferido para Taubaté, município vizinho, em 1954.

Em 1955, o jornal foi instalado em São José dos Campos, iniciando a primeira de uma série de fases que o transformaram no maior veículo impresso da região. A maior delas, seguramente, ocorreu em 1975, quando os empresários Ferdinando Salerno e Aquilino Lovato compraram o veículo e promoveram grandes mudanças gráficas e editoriais (PIMENTEL, 2000). Com o passar do tempo, a sociedade entre as famílias Salerno e Lovato se desfez, tendo ficado o *Valeparaibano* aos cuidados da primeira linhagem. Atualmente, Ferdinando Salerno (diretor) e seu filho, Fernando Mauro Marques Salerno (diretor executivo), são os responsáveis pela empresa jornalística.

Segundo informações disponibilizadas no site do jornal¹⁰, sua tiragem é de 20 mil exemplares, de terça-feira a sábado, e de 32 mil aos domingos, cuja circulação se dá em 40 municípios que compreendem a região do Vale do Paraíba, da Serra da Mantiqueira e do Litoral Norte de São Paulo.

Conta com sucursais nas cidades de Jacareí, Taubaté, Guaratinguetá (todas elas no Vale) e em Caraguatatuba (no Litoral). O noticiário regional concentra-se no

⁸ Segundo Marques de Melo (2006), o perfil é um relato biográfico sintético, que identifica os agentes noticiosos. Tal formato focaliza os protagonistas mais frequentes na cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasionalmente.

⁹ É importante esclarecer que, no decorrer deste estudo, todos os gêneros jornalísticos encontrados nas doze edições analisadas – seis de cada veículo – foram classificados, conforme as propostas de Dias et al. (1998) e de Marques de Melo (2006). Foram excluídos apenas os conteúdos não-jornalísticos – tais como publicidade, seções de entretenimento e classificados – e os textos publicados nas capas de cada edição. Tal exclusão se deu pelo fato de entender-se, nesta discussão, que as chamadas de capa são meros índices do material organizado nas páginas internas dos impressos.

¹⁰ O site do *Valeparaibano* pode ser acessado no endereço www.valeparaibano.com.br.

primeiro caderno, que dá ênfase às editorias de política, economia e cidades, e nos cadernos “Valeviver” – voltado para cultura e variedades – e “Esportes”, embora esses dois últimos também publiquem conteúdos de destaque global. Diariamente, ainda circula o caderno “Nacional&Internacional”, com material fornecido pelas agências FolhaPress e Estado. Semanal, mensal ou esporadicamente, ainda são publicados suplementes voltados para públicos segmentados, tais como “Seu Bairro”, “Valemotor”, “ValeTV”, “Turismo”, “Valeverão” e “Valemontanha”, além de suplementos especiais, como “Mascotes”, “Valeeducação”, “Valesaúde”, “Valedesign”, “Indústria”, “Meio Ambiente” e “Vestibular”.

Durante o período escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, o *Valeparaibano* publicou um total de 941 textos jornalísticos (conforme Tabela 1), sendo que a maior parte corresponde aos gêneros informativo (432 UI, 67%) e opinativo (100 UI, 16%), seguidos do utilitário (86 UI, 13%). Os gêneros menos trabalhos pelo veículo são o diversional (12 UI, 2%) e o interpretativo (11 UI, 2%).

Quanto ao gênero diversional, foco de interesse desta reflexão, identificou-se que o mesmo só foi utilizado pelo veículo em três ocasiões: na quarta-feira, na quinta e no domingo, sendo que os formatos história colorida e história de interesse humano tiveram maior destaque (com 5 e 4 UI, respectivamente, totalizando 42% e 32% do espaço ocupado pelo gênero), suplantando o formato história de vida (3 UI, 25%), de acordo com os dados da Tabela 2.

Tabela 1 – Distribuição dos gêneros jornalísticos no Valeparaibano

Gênero	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
Informativo	71	73	77	73	64	74	432	67%
Interpretativo	2	1	4	1	2	1	11	2%
Opinativo	15	15	15	16	11	28	100	16%
Utilitário	15	13	16	16	13	13	86	13%
Diversional			7	1		4	12	2%

Tabela 2 – Formatos do gênero diversional identificados no Valeparaibano

Formato	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
História de interesse humano			2	1		1	4	33%
História colorida			3			2	5	42%
História de vida			2			1	3	25%

Também é interessante notar que a maior incidência de textos de natureza diversional concentra-se no 1º Caderno, voltado para a cobertura regional, e no suplemento “Seu Bairro”, publicação voltada para o cotidiano dos bairros de São José dos Campos, de Taubaté e de Jacareí (segundo Tabela 3). Essa constatação induz ao



pensamento de que, para a produção de relatos correspondentes ao gênero diversional, é necessário que se faça uma apuração bem elaborada, na maioria das vezes sendo imprescindível ao repórter abordar as fontes pessoalmente. Tais exigências correspondem, exatamente, com as propostas dos dois cadernos mencionados, que espelham, essencialmente, a realidade da região em que se inserem, ao trabalhar com pautas próximas à realidade dos leitores e ao dar destaque a personagens desse cenário.

Tabela 3 – Localização do gênero diversional no Valeparaibano

Cadernos	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
1º Caderno				1		3	4	34%
Valeviver			2				2	17%
Nacional						1	1	8%
Esportes			1				1	8%
Seu Bairro			4				4	33%
Turismo							0	0
Imóveis							0	0
Moda							0	0

Quanto aos três espaços editoriais que não publicaram nenhum relato jornalístico relacionado ao gênero diversional, percebe-se o seguinte: o caderno “Turismo” é elaborado com material de agências de notícias, destinado muito mais a conteúdos informativos e utilitários sobre as opções de passeio pelo país e pelo mundo; “Imóveis”, por sua vez, se destina a informar e orientar o leitor acerca das novidades do mercado imobiliário e do setor da construção civil; já o suplemento “Moda” contém grande quantidade de textos opinativos, que avaliam as tendências das estações.

Por fim, vale dizer que, apesar de figurar em três dos seis dias de publicação consecutivos, o gênero diversional não é bastante explorado pelo *Valeparaibano*. Sua totalidade, conforme indica a Tabela 1, não corresponde a uma parcela significativa do conteúdo publicado, levando a crer que ainda impera a idéia de que os leitores de veículos impressos estão em busca de conteúdos unicamente informativos.

Correio Popular

Fundado em Campinas, no dia 4 de setembro de 1927, por Álvaro Ribeiro, o *Correio Popular* mantém, até os dias de hoje, o lema erguido por seu idealizador, cuja frase é estampada diariamente no expediente da folha: “Seremos na Imprensa vigilantes fiscais da administração pública e zeladores intransigentes do direito coletivo”.

Naquele final dos anos de 1920, Ribeiro teve o apoio de seu irmão, Antônio Joaquim Ribeiro Junior, e do sobrinho, Ademar Fonseca Ribeiro, para tocar o



empreendimento. No entanto, em 1938, por conta de problemas econômicos, especialmente os causados pelo golpe fascista de Getúlio Vargas, o jornal foi vendido para Sylvino Godoy, co-proprietário de uma fábrica de elásticos (GUIMARÃES, 2006).

Sylvino Godoy manteve-se na presidência do *Correio Popular* até 1970, quando seu filho Edvard De Vita Godoy passou a comandá-lo, até 1976, ano de sua morte. Na ocasião, a empresa jornalística foi assumida por Carmela De Vita Godoy, esposa de Sylvino, tendo sido substituída por sua filha, Carmem Godoy Jacob, que permaneceu no posto até 1987. Nessa última dada, a diretoria passou às mãos de Sylvino de Godoy Neto, filho de Edvard, e de Adhemar Jacob Godoy, filho de Carmem. A partir de então, uma nova era começou para o veículo, tendo culminado na criação da Rede Anhangüera de Comunicação (RAC), em 1997¹¹.

Atualmente, o *Correio Popular* é considerado o jornal de maior circulação da região de Campinas, sendo distribuído em 21 cidades, com tiragem de 42 mil exemplares nos dias úteis e de 55 mil aos domingos, conforme apontam dados publicados em sua *home page*¹². Atualmente, é administrado pela companhia RAC, com versão on-line disponibilizada no portal *Cosmo On Line*¹³.

O conteúdo regional é mesclado com o noticiário nacional e internacional e se distribui pelas seguintes espaços editoriais: primeiro caderno, “Caderno B” (inclui nacional e mundo), “Esportes”, “Economia” e “Caderno C” (cultura e variedades). Além disso, o jornal também conta com algumas publicações especiais de tiragem semanal, como, por exemplo, “Motor”, “Turismo”, “Correio Criança”, “Imóveis” e “Veículos”, além da revista *Metrópole*, publicada todo domingo, contendo as principais atrações das cidades da região.

Na semana escolhida para as análises deste estudo, 551 relatos jornalísticos foram publicados pelo *Correio Popular*, tendo maior destaque os gêneros informativo (318 UI, 58%), opinativo (157 UI, 28%) e utilitário (59 UI, 11%). Proporcionalmente, o gênero diversional correspondeu ao mesmo espaço utilizado pelo *Valeparaibano* (10 UI, 2%). O interpretativo novamente ficou na última posição desse *ranking* (7 UI, 1%).

Embora tenha sido publicado em um dia a mais do que no jornal abordado anteriormente, o gênero diversional figurou duas vezes a menos no *Correio Popular*,

¹¹ Segundo Guimarães (2006), a RAC foi criada em 1997, quando a família Godoy adquiriu também o *Diário do Povo*. A autora ainda esclarece que o atual patrimônio da RAC compreende os jornais *Gazeta do Cambuí*, *Gazeta de Piracicaba*, *Gazeta de Ribeirão*, a revista *Metrópole*, a Agência Anhangüera de Notícias (AAN), o portal *Cosmo On Line*, a gráfica GrafCorp e o Instituto de Pesquisas DataCorp.

¹² Conteúdo disponibilizado no site www.cpopular.com.br.

¹³ O endereço de acesso do portal *Cosmo On Line* é o www.cosmo.com.br.



tendo sido explorado quase totalmente no final de semana (sexta, sábado e domingo, conforme Tabelas 4 e 5). Ora, se textos dessa natureza são voltados para a apreciação do leitor, compreende-se, portanto, que a publicação procura valorizá-los nos dias em que, supostamente, o público terá mais tempo para lê-los.

Tabela 4 – Distribuição dos gêneros jornalísticos no Correio Popular

Gênero	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
Informativo	48	53	54	46	49	68	318	58%
Interpretativo	2		1	2		2	7	1%
Opinativo	23	29	23	29	25	28	157	28%
Utilitário	9	9	10	10	12	9	59	11%
Diversional	1			2	2	5	10	2%

Tabela 5 – Formatos do gênero diversional identificados no Correio Popular

Formato	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
História de interesse humano				2		2	4	40%
História colorida	1					2	3	30%
História de vida					2	1	3	30%

Não restam dúvidas de que histórias de interesse humano, histórias coloridas e histórias de vida só figuram em editoriais em que há espaço para a valorização de aspectos humanos e emocionais dos fatos. Cadernos cujo foco é voltado para prestação de serviços e informações de utilidade pública – tais como “Imóveis”, “Emprego”, “Veículos” e “Informática” (Tabela 6) – dificilmente publicarão tais formatos.

Tabela 6 – Localização do gênero diversional no Correio Popular

Cadernos	18/09	19/09	20/09	21/09	22/09	23/09	Total	%
1º Caderno	1			2	1	3	7	70%
Caderno B							0	0
Esportes					1		1	10%
Economia						1	1	10%
Caderno C							0	0
Imóveis							0	0
Correio Criança							0	0
Informática							0	0
Veículos							0	0
Casa ilimitada							0	0
Emprego							0	0
Ensino Fundamental e Médio						1	1	10%
Turismo							0	0

Apesar do estudo não ter se voltado para a temática das pautas diversionais trabalhadas pelos jornais, observou-se, durante a leitura do material, que quase todas exploram particularidades das cidades onde circulam. Além de proporcionarem momentos de agradável leitura, os veículos ainda tentam gerar empatia em seu público.



Considerações finais

Este artigo procurou demonstrar, com base no estudo exploratório e, antes disso, por meio da revisão de literatura, as características que configuram o gênero jornalístico diversional e suas possibilidades de aplicação na mídia impressa. Com a reunião de autores que se ocupam de investigações acerca dos gêneros jornalísticos, buscou-se elaborar um mapa com as principais discussões levantadas nas últimas décadas, bem como apresentar diferentes visões sobre o mesmo tema.

Ao apresentar a proposta de um novo formato a ser submetido ao gênero diversional, o presente estudo revisitou as idéias de autores que compreendem as histórias de vida como textos densos, escritos com base em ampla apuração, capazes de reunir detalhes sobre a trajetória de um personagem ou torná-lo um exemplo vivo de algum assunto ou tema que mereça ser discutido.

Por fim, os dados da pesquisa comprovaram a hipótese de que, além de ser pouco explorado pela imprensa diária, o gênero diversional figura especialmente nas edições de final de semana e em cadernos especiais. Nos dois jornais analisados há incidência significativa no domingo, dia em que o *Correio Popular* publicou o maior número de textos do gênero (5); no entanto, embora tenham sido encontrados quatro UI dessa natureza no *Valeparaibano* de domingo, foi na quinta-feira que a inserção foi maior (7). Percebe-se claramente que isso ocorreu por conta do suplemento semanal “Seu Bairro”, que valoriza os formatos diversionais (conforme Tabela 3).

De todo modo, ficou certo, nesta reflexão, que há espaço – embora pequeno – para gênero diversional no jornalismo diário. Talvez o que falta para a imprensa seja a ousadia de dar passos mais largos e explorar assuntos do dia-a-dia com relatos pictóricos, envolventes e com ênfase a outros aspectos de um acontecimento, não se prendendo unicamente à sucessão de fatos.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BELTRÃO, L. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- _____. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- _____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- CAMPS, S.; PAZOS, L. **Así se hace periodismo: manual práctico del periodista gráfico**. Buenos Aires: Paidós, 1996.



CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

DEJAVITE, F. A. **Infotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Sepac/ Paulinas, 2006.

DIAS, P. R. et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. **Anais...** Recife, PE: Intercom, 1988. p.1 -23.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FARO, J. S. Realidade e o Novo Jornalismo. In: MARQUES DE MELO, J.; CASTELO BRANCO, S. (Org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**: o grupo de São Bernardo (1978-1998). São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

GUIMARÃES, B. V. Rede Regional de Comunicação: uma experiência em progresso. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 11., 2006. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: Centro Universitário Barão de Mauá/ Intercom, 2006. p. 1-16.

HIDALGO, A. L. La “historia de vida” periodística, un género poco usual en la prensa española. **Ámbitos**: Revista Andaluza de Comunicación, Sevilla, n. 6, p. 95-106, 1º sem. 2001.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARQUES DE MELO, J. Comunicação e Desenvolvimento: por um conceito midiático de Região. In: MARQUES DE MELO, J.; SOUSA, C. M.; GOBBI, M. C. (org.). **Regionalização Midiática**: Estudos sobre Comunicação e Desenvolvimento Regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.

MARQUES DE MELO, J. **Formatos jornalísticos**: evidências brasileiras. 2006. (Apresentação em PowerPoint).

_____. (org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MORIN, V. **Tratamiento Periodístico de la Información**. Barcelona: ATE, 1974.

MUGGIATI, R. et al. **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIMENTEL, M. T. R. **A evolução do jornal Valeparaibano**: um estudo de caso sobre a reforma gráfica e editorial ocorrida entre os anos de 1994 e 1998. 2000. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2000.

SERRA, A.; RITACCO, E. **Curso de periodismo escrito**: los secretos de la profesión desde la teoría universitaria. Buenos Aires: Atlántida, 2004.

TEMER, A. C. P. **Notícias e serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

_____. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol. 30, n. 1, jan./jun. 2007.

VILAS BOAS, S. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, T. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.